

6.
Século XIV - África Ocidental - Império do Mali

Manden be lonbo lanban, nka Manden te dafiri. (Mande is a boat that will pitch, but will never capsized.)⁵

Em 28 de julho de 1352, Ibn Battuta, um viajante de origem berber, chega à corte de Mansa Sulayman, capital do Império do Mali. Vindo de Fez, no Marrocos, África do Norte, conhecido, junto com Marco Pólo, como um dos maiores viajantes do mundo, Battuta decide, em 1351, conhecer todo o mundo muçulmano, isto parece justificar sua viagem ao Mali, um dos mais poderosos impérios africanos. A fartura de ouro trouxera enorme riqueza a este lugar, sucessor do também muito rico Império de Gana. O viajante permanece ali por oito meses. Durante os quatro primeiros não consegue oportunidade para falar com o Mansa Sulayman, decide, então, pedir ajuda a Dugha, griot do rei. Dugha explica-lhe as regras para o encontro e consegue realizá-lo, participando como intérprete. Ao final, Ibn Battuta recebe de presente do rei uma casa e ouro. Na volta, o Sultão Abu Inan, rei do Marrocos, pede a este viajante que conte a história de sua viagem a um escrivão. Este passa a ser o primeiro relato de que se tem notícia no qual aparece a figura dos griots, artesãos das palavras.

Ibn Battuta os descreve como intérpretes, oradores públicos, genealogistas e poetas, eram também eles os responsáveis pelas músicas nas festividades. Dugha é retratado como uma das pessoas respeitáveis e importantes da região. O texto relata toda a pompa e grandiosidade do conjunto musical do rei, no qual Dugha tocava xilofone, ou *bala*, cercado por um coro de cem mulheres com belas roupas e jóias. Além do *bala*, outro instrumento é também descrito, o alaúde, ou *ngoni*. A *korá*, só bem mais tarde aparece em escrituras.

*The interpreter Dugha brings his four wives and his concubines, who are about a hundred in number. On them are fine clothes and on their heads they have bands of silver and gold with silver and gold apples as pendants. A chair is set there for Dugha to sit on and he beats an instrument which is made of reeds with tiny calabashes below it, praising the sultan, recalling in his song his expeditions and deeds. The wives and the concubines sing with him and they play with bows.*⁶

⁵ Ditado mandinka citado por Charif Keita em entrevista a Bannig Eyre, em Northfield, Minnesota, em 2009.

⁶ BATOUTAH, Ibn apud HALE, Thomas A. *Griots and Griottes: master or Words and music*. Bloomington: Indiana University Press, 1998. P.77

O Império do Mali ou Império Mandinga, foi um dos maiores impérios africanos, unificado em 1235 pelo malinca Sundjata Keita. Era constituído pelo que hoje se conhece como Mali, Senegal, Gâmbia, Libéria, Guiné, Serra Leoa, Mauritânia, Benim, Burkina Faso e Costa do Marfim. Por estes espaços distribuíam-se e ainda distribuem-se diferentes etnias, tais como: Wolof, Mandinka, Bamana, Maninka, Malinca, Khassonké, Soninké, Songhay, Bariba, Fulbe, Moor, Dogon, Hausa, Dagbamba, Tuareg. Os griots são encontrados em diferentes partes da África, e não só; há, também, diferentes funções atribuídas a eles. Mesmo dentro da África, a palavra *griot*, *djeli*, *jeli* ou *jali*, não representa a mesma coisa em todas as sociedades. Hoje é possível encontrar griots em diferentes partes do mundo, com atribuições distintas, mas, ainda assim, sua função se relaciona, sempre, de alguma forma, à palavra falada.

Aqui, neste texto, falarei especificamente daqueles que se situam no espaço do antigo Império do Mali ou Mandé, ou ainda Império Mandinga, e dividem uma mesma função social e verbal. Parecem ser estes os que tem uma papel mais complexo, porque mais múltiplo, em relação à palavra e em relação à sua participação social, que apesar de estar mudando com o tempo, ainda se mantém bastante importante.

A palavra griot tem origem incerta, mas a teoria mais comum é que tenha vindo do francês: *guiriot*. Há outras explicações tais como vinda do wolof *guelwel*; do português *criado*, *grito*; do espanhol *guirigay*; do berber *iggio*, *egeumou*, ou do árabe *qawal*. Os possíveis caminhos desta palavra são bastante interessantes, mas muito extensos e específicos para serem colocados aqui. As etnias que constituíram o Império Mandinga têm línguas diferentes e portanto, palavras diferentes para designar os griots. Em particular, a palavra de origem Mandinka, *jeli*, ou *jali*, para designar os griots, e *jelimuso*, ou *jelimusow* para as griotes, mulheres griots, é bastante encontrada. Alguns tradicionalistas a preferem, e apesar de eu também gostar mais dela, escolhi a palavra griot e seu feminino griote, para ser usada aqui, na maior parte das vezes, porque foi a que mais encontrei em diferentes fontes de pesquisa, e principalmente, foi a que vi ser usada pelos próprios griots e griotes ao falarem de si, talvez por ser o francês, além do português e inglês, a língua falada pela maior parte da população destes lugares.

Através da música os griots têm se tornando mais conhecidos em diferentes partes do mundo. Muitas pessoas desta região foram mandadas, como escravas, para os Estados Unidos, e há discussões importantes sobre a influência de sua música no blues e no jazz. Atualmente muitos griots vão para a França mostrar seu trabalho, e de lá, saem para se apresentar em diversos países da Europa. Estão ganhando cada vez mais visibilidade com sua música, mas ainda assim, a adaptação não é fácil, as diferenças culturais são muito grandes. Em seu território os griots são, geralmente, muito respeitados, a força de sua palavra tem algo de misterioso, e fora de seu mundo, o reconhecimento não se dá da mesma forma. Como são músicos excepcionais, conseguem se estabelecer relativamente bem, mas muitos não se adaptam à cultura europeia que lhes parece bastante desconfortável, e, de certa forma, selvagem. O encontro com outra cultura faz parte de sua vida desde o início da sua formação, eles são habituados a viajar muito para alimentar seu conhecimento, mas, normalmente, voltam às suas casas, cheios de histórias para contar.

Um caso bastante singular é do griot Sotigui Kouyaté, que se tornou um ator fundamental no grupo teatral de Peter Brook. Sotigui, falecido em abril de 2010, trabalhou também no cinema com diretores muito respeitados, e recebeu, por seu último filme, *London River*, o Urso de Prata como melhor ator. O filme é dirigido por Rachid Bouchareb, assim como *Little Senegal*, do qual Sotigui também faz parte, representando um homem que sai da África em busca de seus parentes, levados séculos antes, como escravos, para os Estados Unidos. Os dois filmes tratam de encontros, diferenças e espaços no mundo contemporâneo, falam dos estranhamentos provocados pelas diversas ondas migratórias, falam de cultura e de humanidade.

Os Kouyaté fazem parte do povo malinca e são, desde o princípio do Império Mandé, os griots dos Keita. Sotigui esteve algumas vezes no Brasil, realizou cursos e palestras, fez amizades, e levou um grupo de amigos para passar alguns meses com ele no Mali e em Burkina Faso, entre estes amigos estava o ator Isaac Bernat, que escreveu sua tese de doutorado em artes cênicas sobre Sotigui.

Em 2006, Sotigui Kouyaté fez, no SESC, um workshop sobre escuta, comunicação e sensibilidade. O assunto provoca uma certa curiosidade, seria de se esperar que como ator muito respeitado, ele desse um curso sobre atuação.

Mas não é sobre isto que Sotigui decide falar. Ele diz estar em busca de encontros com outras realidades, não pretende dar aulas apenas para atores, mas para qualquer um que se interesse por sua proposta. Escuta, comunicação e sensibilidade parecem definir bem o espaço no qual os griots sustentam sua arte e sua estética, e parecem propor também um modo de ação, uma ética. A fala de Sotigui nunca deixa de ser a fala de um griot, e ela jamais se separa da vida, no sentido de que a palavra é sempre um gesto, intercede. A TV SESC fez, a partir deste encontro, um documentário chamado *Sotigui Koyiaté: Um griot no Brasil*. Neste documentário, Sotigui diz: "antes de qualquer outra coisa, eu sou um griot, e o griot é a memória do continente africano, desta África de que falo, é sua biblioteca."

O documentário apresenta depoimentos dos alunos sobre Sotigui e a prática de alguns exercícios, que mais tem a ver com presença e percepção, de forma lúdica, do que propriamente com técnicas de atuação. Mas, a meu ver, o que realmente importa, são as falas do griot. Ele escolhe cuidadosamente as palavras e domina com muita sabedoria o tempo de sua narrativa. Não se perde, em nenhum momento, num depoimento individualista, fala sempre em nome de sua cultura, e tem, claramente, a preocupação de desfazer o mito de que a África é selvagem. É com isto que ele, em silêncio, dialoga. Selvagem é o desconhecido, para qualquer um. Sotigui diz que, no lugar de onde vem, o estrangeiro é alguém que traz o mundo, é uma possibilidade de alcançar o distante, e por isso, ele é muito respeitado e tratado com cuidado.

Em sua terra, é costume, ainda hoje, que um viajante, ao chegar, encontre sempre uma casa para comer e dormir por três dias, assim pode economizar e procurar com calma um lugar de estadia. Como troca à acolhida, este viajante deve contar histórias sobre sua vida e sua cultura. Sotigui enfatiza a ideia de que não existe uma África, mas muitas, e deixa claro que está falando de seu próprio lugar, a África Ocidental. É importante notar que nesta sociedade de tradição oral, os conhecedores, que têm como incumbência guardar a história de sua cultura, tinham como costume viajar por todo o território para encontrar outras pessoas e lugares, e assim, guardar em si, mais conhecimento. Viajantes fazem parte do cotidiano local, não só trazem notícias de fora, como levam para fora o que vivem em cada lugar, mantendo-o vivo. Não é preciso ser um griot para ser um conhecedor.

Este costume de receber o viajante mostra a importância das palavras, da narração, para estas pessoas, e o respeito pelo desconhecido, que, ao invés de ser tratado com desconfiança, é acolhido. Acolhimento em troca de palavras, em troca da realidade que estas palavras produzem. Numa cena que vi em *Roots*, seriado americano de 1977, baseado no livro de Alex Haley, que mostra muito do cotidiano dos malinca, o jovem Kunta Kinte está recebendo treinamento para se tornar um homem, guerreiro, junto a outros jovens de sua idade. O mestre pergunta como devem agir ao se deparar com um inimigo, os alunos respondem que devem cercá-lo por todos os lados, prendê-lo e matá-lo. Não, diz o guerreiro, deve-se deixar uma via de escape, cercá-lo apenas por três lados, deixando o quarto para a fuga, não é o objetivo de um verdadeiro guerreiro matar o inimigo, mas expulsá-lo. Se for morto, outros virão vingar sua morte, se ele for expulso, é mais difícil que volte. É preciso dominar o caminho de fuga, o objetivo do guerreiro é cuidar de seu território. Não se deve matar a não ser para proteger a própria vida.

Este pensamento faz parte da mesma ética que oferece acolhida ao viajante, uma ética de respeito à vida e à diferença. É a partir desta ética que Sotigui contesta a ideia de uma África selvagem. Ele se refere a uma ética que põe em ação a hospitalidade como uma prática de acolhimento. Por princípio, o outro é aquele a quem se quer conhecer, a diferença é bem vinda. A palavra traz mais do que uma ideia, ela traz realidades possíveis, e tem a força de produzir mudanças. Ela é presença, não como representação do que não está, mas ela mesma, presente, é ação. O acolhimento é uma prática que permite receber do outro para além da capacidade de si mesmo, o que traz a ideia de infinito. O estrangeiro é, portanto, aquele que permite o contato com o infinito, é dele a palavra que acolhe um infinito possível.

Um dos filhos de Sotigui, Dani Kouyaté, é um importante diretor de cinema de Burkina Faso, que, apesar de ser um pequeno país com alto índice de analfabetismo, tem um dos cinemas mais respeitados e desenvolvidos do continente, abrigando um importante festival do qual participam filmes de vários países do mundo. A oralidade parece se identificar mais facilmente com o cinema do que com a literatura, o corpo, ainda que em outra dimensão está ali presente. O cinema reúne imagem, música, história e corpo, coisas que não se dissociam na arte do griot. O cinema africano vem ganhando cada vez mais

espaço fora de seu continente. Em 1995, Dani dirigiu seu primeiro longa metragem, o filme *Keïta! l'Héritage du griot*, que ganhou prêmio de melhor filme no Panafrican Film and Television Festival de Ouagadougou e o prêmio Júnior no Festival de Cannes. O filme mostra a diferença de tempos e a mistura de tradições. Um velho griot, Djelibá, representado por Sotigui, vai até a cidade contar a um menino de treze anos a origem de seu nome, ele também um Keita. O menino estuda numa escola tradicional, de currículo francês. A presença do griot, que tem forte ligação com a família do pai do garoto, desestabiliza o cotidiano familiar, põe em questão seus valores, e os leva a se deparar com os atritos provocados no encontro entre o mundo contemporâneo e a sua tradição.

Você sabe por que, nos contos, o caçador sempre bate no leão? Pergunta Djelibá, o griot do filme, ao garoto? E logo responde – Porque é o caçador quem conta, se o leão contar, é ele quem, algumas vezes, vai bater.